



# Cidades: digitais rasuradas

*Ciudades: digital borrado*

*Cities: erased digital*

***Profa. Dra. Titular Sênior Maria Cecília França Lourenço.***  
*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.*  
*Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil*  
*mcfloure@usp.br*

## Resumo

Cidades, instituições e humanos constituem vida incompleta, logo em perene mudança, assim ao se mencionar a primeira há que se pensar em embates e conflitos, a merecer reflexão. As artes fazem parte do urbano, abrigam, acolhem, geram surpresa, conteúdo ético-político e almejam alterar o cotidiano, a incluir os rasurados. Tensões intensificam-se no mundo, tão complexo, que se busca desenhar e pensar em saídas, pois, situações e embates são desafios para contensão.

**Palavras-Chave:** Arte urbana. Patrimônio. Espaço. Visibilidade. Rios escondidos.

## Resumen

Las ciudades, las instituciones y los seres humanos constituyen una vida incompleta, por lo tanto, en perenne cambio, por lo que al mencionar la primera es necesario pensar en choques y restricciones, para merecer reflexión. Las artes forman parte de lo urbano, cobijan, acogen, generan sorpresa, contenido ético-político y pretenden cambiar la vida cotidiana, incluir lo borrado. Las tensiones se están intensificando en el mundo, tan complejo, que uno busca dibujar y pensar en salidas, porque las situaciones y los conflictos son un desafío para la contención.

**Palavras-Clave:** Arte urbano. Patrimonio. Espacio. Visibilidad. Ríos Escondidos.

## Abstract

Cities, institutions and humans constitute incomplete life, therefore in perennial change, so when mentioning the first one it is necessary to think of clashes and constraints, to deserve reflection. The arts are part of the urban, shelter, welcome, generate surprise, ethical-political content and aim to change the daily life, to include the erased. Tensions are intensifying in the world, so complex, that one seeks to draw and think about exits, because situations and conflicts are a challenge for containment.

**Keywords:** Urban art. Patrimony. Space. Visibility. Hidden Rivers.

## INTRODUÇÃO

*[...] a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, [...], e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo' sempre 'sendo formada'. [...] Assim, em vez de falar da identidade, como uma coisa acabada, deveríamos falar em identificação e vê-la como um processo em andamento.*  
(HALL, 2015, p.24).

O título da chamada para a Revista ARA FAU USP, em sua 13ª. edição convida a se refletir sobre “Tensão e Contensão”, com excelente “Apresentação” feita pela professora e membro do Grupo Museu Patrimônio, Profa. Dra. Regina Lara Silveira Mello. Tema aprovado pelo Conselho Editorial, sugere algo comum neste período, polarizado e com rixas acirradas, até mesmo entre pares. Novos problemas se desdobram na saúde, porém escolas voltaram a funcionar, instituições e museus tiveram seu acesso liberado, pouco ou nada colaborando para se reverter, indicando a complexidade que envolve os conflitos, para se firmar identificações. Lembro de algumas tensões em campos, entre outros, privilégio x igualdade, esquerda x direita, tradição x inovação, democráticos x autocráticos, mentiras x verdades.

Pretende-se refletir<sup>1</sup> sobre crises no espaço urbano, este marcado por rasuras em muitos campos, com esperança de mudanças e desenho de outro caminho, capaz de incentivar identidades plurais e convivência harmoniosa. Stuart Hall (1932-2014), em 1992, na epígrafe inicial deste estudo, propunha se trocar - identidade por identificação -, diante da tensão entre global e local, firmada por “[...] vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares” (p.44), ou seja, o nacionalismo ufanista, por Hall denominado “particularista”, fincado apenas na origem natal.

Ao contrário, Hall define por “universalistas”, as identidades direcionadas à humanidade, tida como única e válida a todos. Advém, a primeira de “[...] crescimento dos estados-nação, das economias nacionais e das culturas nacionais”, enquanto a outra se relaciona à expansão do “[...] mercado mundial e da modernidade como um sistema global [...]” (Idem). Pergunto: identificações e identidades invisibilizadas, esquecidas, apagadas, ou seja, rasuradas, há muito causadas, visariam anular parte de vidas em diversas nações, a incluir o Brasil?

Igualmente nesta hora há tensão internacional em culturas milenares, como no Irã, expondo o lado lúgubre, em que ainda sobrevive com ferocidade a “polícia de moralidade”, que explora e detém, por convenções fúteis, a desconsiderar o direito básico - à vida<sup>2</sup>. Sob a pecha de garantir costumes, porém desejosa de mando sobre mulheres e crianças, prende e mata pessoas mantidas em sua custódia. Vítimas e apoiadores vêm se mostrando corajosos e ido às ruas, em protesto, queimando o chamado véu, em ato simbólico e desafiador da tal moral.

Máquinas têm entrado no cotidiano e as imagens em telas se multiplicam, causando certo vício dos que as possuem e frustrações, aos distantes de poder adquiri-las, por restrições financeiras ou etárias. Octávio Donasci (1952) já ironizava tal situação em

---

<sup>1</sup> O texto compõe a investigação “Intra museus: acesso liberado” relativa à fase atual do Projeto de Professor Titular Sênior, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo/FAU USP.

<sup>2</sup> Como difundido, em 19 de setembro de 2022, Mahsa Amini, 22 anos, foi presa em Teerã, embora estivesse com o hijab, o véu da cabeça, porém, sem cobrir totalmente o cabelo. Foi detida e morreu na prisão, originando protestos em ampla escala. Após um mês a escaladora iraniana Elnaz Rekabi resolveu se solidarizar e competiu sem o véu, na Coreia do Sul, sendo recebida com festividades e preocupação da comunidade internacional, ao voltar ao Irã. Notícias da BBC londrina deram conta de que fora interrogada e mantida refém.

performances com suas “Videocriaturas” (Figura 1), tendo sido selecionado no Projeto Contemporâneos da Pinacoteca do Estado de São Paulo, em 1986. A invasão de algoritmos, que induzem a permanência na mesma bolha, a par da manipulação e venda de dados pessoais mereceria campanhas de elucidação aos usuários, sobre os perigos em se desnudar vida privada, com ênfase em grupos infantis?



Figura 1. Octávio Donasci. Videocriaturas. Vídeo performance. Pinacoteca do Estado.1986. Foto do artista<sup>3</sup>.

Ódio e violência alastram-se pelo mundo, em lutas reais e ampla escala. No Brasil, há tempos não se via discurso primário, sobre fatos óbvios, como se a terra seria ou não redonda, mero disfarce para mudar o foco de absurdos governamentais. A este somam-se crise sanitária habitacional, social e volta de males superados, cito desnutrição e mortalidade infantil, males endêmicos, como poliomielite e sarampo; famílias vivendo nas ruas<sup>4</sup>; falta de trabalho e fome; desleixo com as populações originárias e as escravizadas, também com educação e prevenção de doenças, além do descaso com meio ambiente, cultura e ciências. E mais, ameaça democrática e

---

<sup>3</sup> Imagem cedida quando da palestra do artista Octavio Donasci para alunos da FAU USP sobre sua obra e importância do Projeto Contemporâneos em sua carreira, a quem agradeço.

<sup>4</sup> Durante a pandemia, pesquisa entre outubro e dezembro de 2021, apontou que teria havido aumento de 31% de pessoas em situação de rua, de acordo com o Censo da População solicitado pela Prefeitura paulistana e veiculado em mídias em janeiro de 2022.

confusão proposital entre algo firmado no século 19 – o Estado é laico, isto é, separado da Religião, estando situados em campos paralelos<sup>5</sup> -.

Ademais o Governo Federal brasileiro boicotou informes sobre série de dados, desde a divulgação do real número de mortes na pandemia SARS-Cov-19, designada por Covid-19, ou se o presidente tomara a vacina; postergou aquisição vacinal; aceitou orçamento secreto a parlamentares aliados; vetou por 100 anos dados sobre negócios de seus filhos; a par de apoiar falas fantasiosas<sup>6</sup> sobre pauta de costumes e religião. Dedicou-se a corte de gastos e de pessoal em Educação, Pesquisa, Cultura e em órgãos com membros da sociedade civil; omitiu-se ante espoliação e invasão a terras indígenas; queima em floresta e pantanal.

Juntem-se a este quadro de horror, questões étnicas com a disseminação de racismo, sexismo, adicionados ao antigo assédio eleitoral, uma espécie de compra de votos, com edição de pacote de benefício com curta duração. Em algumas cidades a paisagem cultural e humana bem documenta o saldo de tais embates, oriundos de tensão ante valores distintos. Agressão, discriminação, inverdades e irracionalidade se multiplicaram, em face da etapa eleitoral. Ativar a contensão ficaria lesada, pois seus sinônimos residem em serenidade, calma, ativismo, mobilização, entre outros.

Deseja-se refletir sobre como se rever estes e demais desvios, há muito ativos no país, como veremos, para alguns originados já com a chegada de Cristóvão Colombo (1492) ao que hoje se nomeia, Américas. Sob o pretexto de se controlar os povos originários e os transplantados às normas, ordem, sujeição e religião forjaram-se leis, estruturas de mando e poder para coibir diferenças de interesses. Núcleos humanos foram postos sob preceitos, que garantissem privilégios forâneos, em grande parte, para assegurar também negócios e lucros mercantis.

---

<sup>5</sup> O decreto separando Igreja e Estado data de 1890, vale dizer, no ano seguinte ao da Proclamação da República, sendo consagrado na Constituição de 1891.

<sup>6</sup> Apenas no mês eleitoral (outubro/2022), o Superior Tribunal Eleitoral mandou retirar 15 falsas postagens ligadas a Bolsonaro, entre outras, se eleito o candidato, Lula, (Luiz Inácio Lula da Silva) favoreceria uso de drogas, aborto, milícias; fecharia templos, prenderia religiosos.

Acrescente-se que, na nomeada América Latina, os Anos 1960 a 1970 foram inundados por ditaduras militares com governos autoritários<sup>7</sup>, resultando profundo saldo negativo até a atualidade, por desinformação sobre esse tempo. Reitere-se a nociva censura aos meios informativos acerca de atos violentos contra a vida de opositores, restritos aos porões e prisões. Há desvio na percepção e na construção do que se passou, nesse período. Inúmeras manifestações se rebelaram contra as artes reduzidas a mercadoria e negócio. Reivindica-se aqui o papel cultural, em tensão contra o presente, se almejando outro futuro. Gianni Vattimo (1936) avalia que a “(...) tensão do futuro como tensão à renovação, ao retorno de uma condição de autenticidade original” (1996: 98).

Dividiu-se este estudo, nas seguintes partes: “Sonhos de ordem e mando”, baseada em autores como Ángel Rama (1926-83), Darcy Ribeiro (1922-97), que definiram a formação de cidades e aspectos fundantes para se entender a almejada sujeição de nativos e escravizados aos países forâneos. “Tensão e espetáculo” aborda o papel crítico das artes, como se observou após a 2ª. Guerra Mundial. Reuniu-se pensadores, que desde Guy Debord (1931-94) abordam novas formas de atuação de criadores. Neste tópico incluíram-se Chantal Mouffe (1943), em definição sobre ‘luta agonística’, trazida por se aproximar de algumas atitudes em que o artista, ao se dar conta da violência governamental, busca ironias e sutilezas. Igualmente se analisará o termo ‘real traumático’ de Hal Foster (1955) em situações de confronto, seguindo-se a Giorgio Agamben (1942) sobre “O que é contemporâneo”.

Na parte final se buscará analisar: “Rever o invisível: da modernidade ao contemporâneo”. Baseia-se na diferenciação entre modernismo e modernidade de Henri Lefebvre (1901-91), o que nos levou à autocrítica de Mário (1893-1945) e a de Oswald de Andrade (1890-1954), tendo aquele julgado, quanto a encarar os problemas de seu tempo, que sua geração não conseguiu afrontá-los de forma decisiva; por outro lado, questões postas por Paul Klee (1879-1940) acerca do trato

---

<sup>7</sup> Rememore-se, além da ditadura no Brasil com vários militares (1964-85): Paraguai (1954-89) com general Alfredo Stroessner; Bolívia (1964-81) com os generais René Barrientos (1964-9), Hugo Banzer (1971-8) e Luís García Meza (1980-1); chilena com Augusto Pinochet (1973-1988); Argentina (1973-83), com general Jorge Rafael Videla.

da realidade também se mantém válida. Igualmente a reflexão sobre os rios termina e se funda no proposto pelo professor, escritor, estudioso de História Cultural e, em particular, orientador de gerações da USP, o saudoso Nicolau Sevcenko (1952-2014).

## SONHOS DE ORDEM E MANDO

*O sonho de uma ordem servia para perpetuar o poder e para conservar a estrutura socioeconômica e cultural que esse poder garantia. E, além disso, se impunha a qualquer discurso opositor desse poder, obrigando-a a transitar, previamente pelo sonho de outra ordem”.*  
(RAMA, 1984, p. 32).

Ángel Rama no clássico estudo “A Cidade das Letras”, aborda como nas Colônias, o uso de nomes de rua, leis, determinações e exigências visavam controle e subordinação ao domínio monárquico, no chamado Novo Mundo. A estratégia então se consolidou, sob o pretexto de se obter religiosidade, civilidade e progresso, em verdade, direcionados a equilibrar impostos e lucro de uns em prejuízo de amplos segmentos. Etapa inicial forçosa tentava garantir obediência, aos reis<sup>8</sup> de Portugal e Castela (Espanha). Rama menciona que a própria forma geométrica urbana adotada, referenciou-se naquelas europeias, seja retangular, circular ou estrelar, algo então proposto em vários tratados renascentistas no século 14. Vale inquirir: avançamos em favorecer de forma equilibrada direito e benefícios a muitos?

Igualmente Darcy Ribeiro lembra a servilidade do Brasil ao mercado mundial “[...] que ajudou a montar com montanhas de açúcar, de ouro, de café, de minério e de soja. Tão-só para viabilizar, dentro deste mercado internacional, sua economia da pobreza (...)”. (1992:16). Tal prática dissimuladora por discursos de melhoria e nobre intenção, constituiu-se base incontestável para se erigir territórios. Pergunta-se: leis, normas, controle e lucro dissimulado situam-se em passado sepultado, ou ainda, sobrevivem como prática atávica, em que ricos e pobres se deixam levar?

---

<sup>8</sup> O Papa Alexandre VI assinou, em 1493, a Bula *Inter Coetera* (entre iguais), para evitar disputa entre aliados e sugerir divisão na posse do tal Novo Mundo, seguido este ato pelo Tratado das Tordesilhas, (1494), firmado entre os reis de Portugal e Castela (Espanha).

Cidades, pequenas ou grandes têm sofrido por rasuras a suas identidades, riscadas, apagadas, esquecidas, borradas, sumidas resultando paisagem humana lastimável formada por imenso contingente de povos desassistidos; crianças fora da escola, em particular após a pandemia do Covid-19. Segundo dados largamente veiculados, houve explosão na construção de prédios com mais de 10 andares e não apenas nas grandes cidades<sup>9</sup>. Originou-se de complexas situações, em cidades do mundo, primeiro para justificar, movimentar capital e trabalho, além da limitação em novos terrenos, legislação favorável e freio na taxa de juros, durante a referida pandemia.

No entanto, em vez de se levar transportes de qualidade a bairros populosos de forma a aproximar trabalho-deslocamento, optou-se por outra saída: derrubada em extensão de pequenas casas, com projeto urbano discutível se forem considerados os aspectos negativos. Nomeiem-se, em especial, prejuízos de pessoas sem ocupação fixa e recursos para adquirir algo digno, já que o custo exige alto padrão. Veja-se o total de prédios vagos regiões centrais, que se poderia aproveitar, porém as ações visaram classes já protegidas, carecendo da indispensável inclusão social.

Sem poder de resiliência, as famílias venderam seus pequenos lotes e, com eles, se foram hábitos, vizinhança, ocupação, comércio, serviços, cultura urbana e memória, enfim marcos, com déficit maior para os mais vividos. Concedem-se benefícios, lazer e diversão aos edifícios de alta metragem, não raro, anunciados com frases róseas, como “Construa seu legado” (Figura 2). Ao menos a legislação poderia exigir contrapartida mais efetiva em impostos, visando benfeitoria coletiva em escolas públicas, assistência médica, parque infantil, quadras poliesportivas, transporte, cultura no/do bairro, infraestrutura urbana, cito, entre estes, água, esgoto, iluminação; melhoria para pedestres em calçadas, praças e lazer.

---

<sup>9</sup> - Há pouco se veiculou a construção de mais um prédio na orla com altura superior a 200 m, na cidade de Camboriú/ SC. Na praia, já há extensa faixa prejudicada, por não receber o sol.



Figura 2. Construção na Rua Pedroso de Moraes/ SP capital. Foto A. em 22 out. 2022.

## TENSÃO E ESPETÁCULO

*O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que por princípio ele exige é a da aceitação passiva que, de fato, ele já obteve por seu modo de aparecer sem réplica, por seu monopólio da aparência.” – Tese 12 (DÉBORD, <http://www.afoiceemartelo.com.br/>)*

Mutações céleres foram absorvidas, mas, por parcela limitada e, mesmo assim, seria uma espécie de nova cultura? Reitere-se que, com a disseminação de meios digitais foi parcial, pois, dificultou acesso a dada faixa etária, social e econômica, ante a complexidade de seu mecanismo e alto custo. No entanto, telas alastradas no urbano se infiltraram na vida diária, habituando o transeunte à nova forma de se comunicar, rendido à suas luzes e aos apelos. Seria cultura, nos aspectos definidos por Guy

Debord, “[...] é o lugar da busca da unidade perdida. Nessa busca da unidade, a cultura como esfera separada é obrigada a negar a si própria” (Idem, Tese 180).

O mundo do espetáculo envolve números no acesso, faturamento, ou total de visitantes, assim se enquadra nessa categoria de espetaculização, ou seja, tentativa de iludir e originar inebriamento. Debord bem analisou tais efeitos, em sua obra mais notória “A sociedade do espetáculo”, cuja parte do texto situa-se na epígrafe. Cultura aqui se considera algo notável, mas, se motivar melhoria para muitos e não alienação. Além de facilitar a comunicação, hoje as mídias digitais geraram sim, novo conjunto de palavras, indicativa de identificações particulares: *likes* (o que se curtiu), *troll* (usuário mal-intencionado), *emoji* (rostos com expressões), *followers* (seguidores), *gifs* (imagens animadas ou não) etc., coligadas à linguagem de alguns.

A busca por obter identidades dignas agravou-se nos últimos anos e constitui fator inquietante, nesta hora, em que há muitas tensões pelo mundo. Lembro guerra na Europa, entre Rússia e Ucrânia; líderes conservadores manejando populações, por meio de mentiras e pretensos benefícios, na espera de adesão às suas intenções, não apenas aqui; carência de postos laborais, associada à profunda tensão ambiental, desleixo com povos originários, somados à crises urbanas aqui enunciadas.

Identidades e identificações se movem diante do tempo e neste instante seria redutor se procurar marca local, pois, questões comuns se espalham pelo mundo. Se antes se contrapunham global e local, nacional e internacional, regional ou cidadão, em face de amplo déficit tal tensão se tornou descabida, em especial, desde a pandemia. Quais nações escaparam de seus efeitos, ficaram distantes de bloqueio social, luto, corrida para criação, aquisição e uso de vacinas? No sentido de evitar ser reconhecido como parte do problema, governos, a incluir o do país, optaram por não veicular contornos soturnos, em farsa midiática<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Segundo se noticiou, no país, em 4 de junho de 2020, as redes ligadas ao Ministério da Saúde permaneceram 19 horas fora do ar. Ao retornar, dois dias depois (6.6), alegaram sumiço de dados sobre total de infectados e mortos. Houve pronta reação e, dois dias depois (8.6), empresas jornalísticas se uniram para coletar e divulgar dados junto às Secretarias de todos os estados. Foram: *Folha de S. Paulo*, *UOL*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *G1* e *Extra*.

Antes, em plena Ditadura Civil-Militar com tortura, perseguições, desaparecimento, e violência, os artistas, uma vez mais, se reuniram para ações de denúncia, individual ou em grupo, por meio de ironias, adiantando-se à decretação iminente de Censura. Lembre-se, entre estes coletivos, o Grupo Rex, liderado por Wesley Duke Lee (1931-2010). Geraldo de Barros (1923-96), Nelson Leirner (1932-2020) e também jovens Carlos Fajardo (1941). Frederico Nasser (1945). José Resende (1945), que também criaram um jornal *Rex Time* (Figura 3).

O Grupo Rex cooperou para conferir à arte o estatuto de debatedor privilegiado acerca de atos políticos, ocupação urbana por ações estudantis e, também, para desenhar cartografias, borrar as diferenças entre as várias etnias humanas, ao lado de fundir arte e ativismo. Sem dar as costas ao mundo, então tateando na globalização, contrapuseram-se ao jugo militar, território de mando velado por laivos de palavras caras ao fascismo: ordem, família deus e propriedade, lengalenga ressuscitada por políticos nos tempos atuais.



Figura 3 - Jornal REX TIME. Foto A. 1989

Parcela notável de criadores, como o Rex, nos anos de ditadura na América Latina buscaram ‘luta agonística’, termo conceituado por Chantal Mouffe. Esta se caracteriza por confrontar “nós *versus* eles” em fronteira invisível. Na latinoamérica, a sutileza crítica se deu, não por perfilhar a legitimidade do poder, mas sim, dado o

abuso e ferocidade, ao se constatar que, então, não se vislumbrava “[...] qualquer solução racional para o seu conflito [...]”. (2005, p.20).

Aqui e no mundo, criadores enfrentaram governos ditatoriais, por meio do sarcasmo, em outros, mimetizando parte do absurdo destruidor, como se tem observado na Alemanha pós Queda do Muro de Berlim (1989). Logo a seguir, na busca de enfrentar as chagas ante a perseguição nazista traçaram-se memoriais sutis, em crítica ao período. Hal Foster ao abordar a potência de dadas imagens, ao se afrontar o humano, que denominou ‘real traumático’, ao aludir a certa repetição na tentativa de aproximar arte e vida, natureza e cidade, civilização e barbárie. Assim define:

[...] Antes a repetição serve para proteger do real, entendido como traumático. Mas exatamente esta necessidade também aponta para o real, rompe o anteparo proveniente da repetição. É uma ruptura menos no mundo do que no sujeito – entre a concepção e a consciência do sujeito tocado por uma imagem (2005, p.166).

Ocorreram inúmeros atos políticos, na Alemanha, após a Queda do Muro (1989), cessando a divisão de pessoas, trabalho e território, de forma a processar o luto e a autocrítica. De imediato se reviu criticamente o passado, erigindo memoriais<sup>11</sup> e contra-monumentos, ao contrário de fabular pseudo-acordo, como a dita anistia ao final da ditadura, no país. Sublinhe-se que decorrido apenas um ano da Queda, unificou-se politicamente o estado, cessando a divisão, em Berlim/ALE, entre lado Ocidental e Oriental, existente durante a Guerra Fria; abriram-se fronteiras sociais, econômicas, culturais e de ideais, antes isolados por opção ideológica.

Atos execrados, ideados com êxito por autocratas têm movido ações humanas, como a incentivada por Adolf Hitler, em 1933, logo após subir ao poder, para que se queimassem livros no país. Estudantes instados pela campanha feita por J.

---

<sup>11</sup> Destaquem-se, entre outros criados: “Memorial Central da República Federal da Alemanha para as Vítimas da Guerra e da Tirania” (1993) de Kathe Kollwitz (1867-1945); “Queima de Livros” de Micha Ullman (1939) aberto em 1995; “Pedras de Tropeço” de Gunter Demnig, iniciadas em 1996, formado por pequenos cubos de latão 21x21x100 cm inseridos no chão, próximo à última residência em que viveram vítimas, como Patrícia Galvão (Pagu); “Memorial aos Judeus Mortos na Europa”, aberto em 2004, de Peter Eisenman (1932).

Goebbels<sup>12</sup>, como parte da dita purificação alemã. Este ato simbólico, infelizmente restrito a certo grupo, indica caça e descrédito de professores, universidade, escritores capazes de entender e criticar esses propósitos, do apelo nazista.

A arte desde os Anos 1960 tem criado formas diferenciadas para chamar a atenção de fatos do passado, que merecem ser lembrados como uma memória a não ser repetida, por se reportar a uma ação abominável. A palavra arte contemporânea, aqui utilizada, acompanha a bela definição de Giorgio Agamben. Este designa aquela que mantém singular afinidade com o tempo vivido, pois de um lado se aproxima, de outro, mantém afastamento. Desta maneira, não são contemporâneas as manifestações que se fundem com a época, sem tomar a devida distância, pois, “[...] não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (AGAMBEN, 2009, p.59). Em etapas polarizadas como hoje se vivencia, não apenas aqui no país, posicionar-se ante as tensões constitui demanda inadiável.

Em Berlim, na atual Bebelplatz, próximo à Universidade Humboldt e no exato local do ato deletério, de queima de livros, o escultor Micha Ullman (1939) criou um contra-monumento (figura 4). Ao caminhar na praça observa-se uma placa de vidro e ao seu lado duas de metal. Nestas há os dizeres do escritor Heinrich Heine (1797-1856), em 1820: “Onde se queimam livros, acabam se queimando pessoas”. Ao se aproximar observa-se no subsolo, estantes vazias, que, segundo se consagrou caberiam os cerca de 20 mil livros incinerados, a abranger os do poeta citado. Lá como aqui<sup>13</sup> livros apontam para o saber, o que implicaria em indesejável transformação de mentalidades.

---

<sup>12</sup> Nomeado Ministro de Propaganda e do Esclarecimento Popular Nazista convocou órgãos estudantis, para motivar e arregimentar alunos.

<sup>13</sup> Na atualidade, ainda há informes de censura a livros, no país, entre tantos: o do Governador João Dória, (PSDB-SP), que em 2.9.2019 mandou recolher apostila de Ciências voltadas ao 8º. ano do Ensino Fundamental por haver dados sobre sexo biológico, identidade de gênero, orientação sexual, gravidez e doenças transmissíveis. Em 9.9.2019, na Bienal do Livro, o Prefeito Marcelo Crivella (Republicanos/RJ), enviou fiscais para achar livros ditos “impróprios”, por tema, dito então, por LGBT, para serem lacrados e postos em prateleiras acima. Em 2.2.2020 Governador Cel. Marcos Rocha (PSL-RO) vetou o uso escolar de autores como: Machado de Assis, Euclides da Cunha, Mário de Andrade além de Franz Kafka e Edgar Allan Poe.



Figura 4. Micha Ullman. Queima de livros, 1994-5, Bebelplatz Berlim. Foto A. 2014.

O antimonumento, ou contra-monumento, obliterou antigos valores pelos quais, se faziam concursos de ideias e artistas; obtiam-se quantias, com adesão popular, para garantir o elevado custo exigido. Por meio dessa mobilização, antes se procurava imortalizar conjunto de fatos históricos, guerras, ao lado de personagens tidos por heróis, em um dado tempo e espaço. Elegiam-se artistas com visibilidade e utilizaram-se materiais com alta solidez, como bronze, ferro, mármore, optando por poética, a gerar fortes emoções e tecer identificações valiosas para unidade nacional.

Tais formas contemporâneas opõem-se ao tradicional programa exaltativo, tendo se irradiado no final do século passado, em especial na Alemanha. Além da condenação de atos, como o da Queima de Livros, na obra de Hullman acima, há os que incriminam atentados, ocorridos erigindo expressões, no próprio local do ocorrido, causando forte sensação. Entre estes, destaco memorial muito singular datado de 2005: Memorial “Sapatos às Margens do Danúbio” feita pelo escultor Gyula Pauer (1941-2012), que distribuiu sapatos moldados naqueles achados de vítimas jogadas no referido rio, ao final da 2ª. Guerra Mundial, situado em Budapeste/ HUN.

Na atualidade mesmo homenagem a ídolo pop assassinado, aponta para causas, como o desarmamento. Neste caso, vale lembrar o realizado por Carl Fredrik

Reutersward (1934-2015) dedicado a John Lennon, em frente ao Central Park e do apartamento em que vivia, no mesmo local que sucumbiu em Nova York. O artista criou um imenso revólver, similar ao que matou o compositor e cantor, porém com final do cano virado como se houvesse dado um nó, impeditivo do ato.

Outros, com mensagem de natureza política, valem-se de sutileza formal para criticar o regime anterior, sem apelar para uma retórica direta, como fazem as religiões, na linha de crucificação, amedrontadoras. A arte contemporânea, sempre voltada a honrar a inteligência do espectador, vem projetando peças intrigantes, voltadas a pensar e não apenas se inebriar por atributos miméticos. Destaco um jardim de esculturas (Figura 5), que alude à Queda do Comunismo (1989), neste caso, na capital da Bulgária, Sofia, em frente ao Museu de Arte Socialista<sup>14</sup>.

Trata-se de acúmulo de esculturas tradicionais, antes situadas em praças e venerados pelo antigo regime. No lugar de se valer de iniciativas comuns, voltadas a derreter ou manter em depósito, preferiu-se dispô-las de forma não habitual, dando a impressão de certa confusão entre. Colocou-as lado a lado obras pequenas junto às enormes; temas e materiais conflitantes a provocar ruído na composição, ante a ausência de relações, nem ao menos cronológicas ou temáticas. Parece haver desejo de que a composição caótica colabore para destituí-las simbolicamente.



Figura 5. Museu de Arte Socialista. Sofia/BUL Foto A. set. 2016.

---

<sup>14</sup> Criado em 2011 causou polêmica, pelo propósito de recolher líderes da rua, a par de inicialmente se pretender denomina-lo, Museu de Arte Totalitária.

## REVER O INVISÍVEL: DA MODERNIDADE AO CONTEMPORÂNEO

*Rio que fazes terra, húmus da terra, bicho da terra,  
Me induzindo com a tua insistência turrona paulista  
Para as tempestades humanas da vida, rio, meu rio!  
[...] Sob o arco admirável  
Da Ponte das Bandeiras, morta, dissoluta, fraca,  
Uma lágrima apenas, uma lágrima,  
Eu sigo alga escusa nas águas do meu Tietê.  
(ANDRADE, 1993, p.396).*

Desde a arte moderna, entre suas inúmeras poéticas e na célebre frase de Paul Klee a criação, nas variadas modalidades, não reproduz o visível, mas sim torna visível o invisível (2007, p.35). Tarefa significativa, intensificada já na vanguarda, porquanto continuam os descaminhos humanos, no trato com seus semelhantes, sejam elementos naturais e, mesmo, no espaço urbano. Tais ações vêm gerando tensões por desequilíbrio na esfera natural, com aumento da temperatura, terremotos, furacões, inundações urbanas, degelo.

Somem-se os acidentes evitáveis, como rompimento de barragens, desastre nuclear, desmatamento de florestas, queimada proposital, acúmulo de lixo em oceanos e rios. Aqui se deseja analisar a invisibilização de rios e a permanente tensão causada, a cada ano, porém algo comum nas cidades, não apenas no país. Representam patrimônio ambiental extraordinário, em especial, para a memória e sobrevivência humana e das várias espécies. Entretanto, inúmeros foram submersos, em face de demanda por vias para a circulação de veículos, criação de bairros e extensão urbana, em muitos casos indispensável.

Passaram-se mais 100 anos que os rios foram retificados e contidos, córregos canalizados e curso alterado em inúmeras bacias hidrográficas, substituídas por vias e ruas, ajuntamentos urbanos, sem se prever tanto condições sanitárias para moradias, quanto projetos a longo prazo, na capital paulista. No entanto, nascentes, rios, riachos, lagoas não ficam inertes e se insubordinam, sem contenção, a cada final de verão, lembrando que foram escondidos, silenciados e aviltados por poluição.

Criadores se reportam aos rios desaparecidos de sua cidade, não raro com profunda melancolia e entre tantos, selecionou-se o poema “A Meditação do Tietê”, do modernista Mário de Andrade, terminado dias antes de falecer, em 22 de fevereiro de 1945. O escritor aborda de forma simbólica mudanças na vida do Rio e parece desenhar um paralelo poético com sua própria caminhada, perto do final. Em 1942, efetuara contundente crítica sobre sua geração e ele próprio, assim caracterizando o nascer de outra fase, seguindo o pensador Henri Lefebvre – a de modernidade.

O período foi profundamente alterado, em comparação aos primeiros anos em que irrompeu o modernismo e, na 2ª. Guerra Mundial, com a existência de autocrítica aqui caracterizada por modernidade. Como bem acentua Lefebvre, esta se define por se iniciar reflexão, associada a “[...] um esboço mais ou menos adiantado de crítica e de autocrítica, numa tentativa de conhecimento [...]. A história do modernismo não pode ser escrita sem a do conceito de modernidade e reciprocamente”. (1969: 4-5).

Inúmeros outros criadores se manifestaram criticamente sobre ações iniciais para se criar identidade inclusiva, via arte moderna, em especial, durante a 2ª. Guerra Mundial. Reitero que a análise de Mário de Andrade de fato se alteia, por admitir que nunca se havia encarado a face de seu tempo e brinca mesmo, que apenas se fizeram algumas caretas. Conclama ativismo, no lugar de apreciar a multidão passar. “[...] Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios. Mas não fiquem apenas nisso, espíões da vida, camuflados em técnicos de vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões”. (1963: 42).

Já Oswald de Andrade, em Belo Horizonte/ MG, em 1944, ou seja, após a autocrítica de Mário de Andrade, em período em que estavam afastados<sup>15</sup>, defende a atuação de seus pares e no texto “O caminho percorrido”, ele afirmou: “[...] Se alguma coisa eu trouxe das minhas viagens [...] foi o Brasil mesmo. A Antropofagia foi [...] o ápice ideológico, o primeiro contato com nossa realidade política. De 22 para cá o artista não traiu, antes o descobriu e exaltou [...]. (1971: 96-9).

---

<sup>15</sup> Estudo sobre esse período, entre modernismo e modernidade, constituiu-se em foco principal de minha tese, orientada por Aracy Amaral e publicada sob o título “Operários da Modernidade”, a quem sou grata.

Cabe assinalar algo singular sobre o uso de rios, na capital paulista: até o século 19, a população dependia de chafariz e fontes para abastecimento. Com o incremento do capitalismo e da indústria operou-se significativa mudança de hábitos. Tornara-se forçoso superar a feição acanhada e, também, enfrentar preocupações higienistas, por meio de campanhas para ampliar a extensa faixa hábitos simples de higiene, associadas ao exercício físico, combate de males como tuberculose e febre amarela. Tais fatores colaboraram para melhorar os atributos da água e criar locais aprazíveis.

Data também do mesmo século a implantação de vias de circulação interior-capital, para escoamento de produtos, sendo indispensável a presença de chafarizes, demandando também qualidade para saúde humana e animal. Um dos rios iniciais a receber tratamento se deu no chamado, Ribeirão Anhangabaú, com medidas, a incluir a retificação do canal, canalização subterrânea deste e dos córregos Saracura e Bexiga, já no final do século 19, segundo a tradição.

Tal conjunto propiciou a implantação da Rua e do Parque do Vale Anhangabaú, este registrado por fotógrafos, artistas e tornando-se, então, cartão postal disputado (Figura 6). Ainda se assinale, que a Paulicéia ganha área verde, como outras cidades, no país e pelo mundo para atender à imagem de cidade moderna e afeita às novas demandas higienistas. Segundo o caro colega, Benedito Lima de Toledo, na margem direita, perto do centro, o Ribeirão possuía tanques, uma série de bicas, entre as quais, cita a Bica do Moringuinho, nas imediações do Largo da Pólvora e a Bica do Baixo, na atual Praça Carlos Gomes. (2004, p.102).



Figura 6. Parque do Vale do Anhangabaú. Cartão Postal, São Paulo/ SP. Década 1920.

Acrescente-se a repulsa de certa elite local aos rios, talvez pelo sentimento contrário, tanto ao apreciado por povos originais, quanto por escravizados. Tal sentimento gerou interesse por outras vias e formas, horror à natureza, a incluir lembranças de seu passado agrário, ora idealizado nos ditos caipiras de José Ferraz de Almeida Júnior (1850-99). Na reflexão de Nicolau Sevcenko, tal fato se desdobrou em uma série de posturas, como se vê no trecho:

A aversão das novas elites em relação aos rios, às várzeas e à natureza exuberante da Piratininga, que faziam justamente dessas as áreas sagradas para os índios e as mais atraentes para os negros e seus descendentes, secretou um pendor deletério das camadas dirigentes para estabelecer os referenciais da cidade na sua própria área construída, nos portentos da engenharia, nas dinâmicas dos fluxos de mercadorias, finanças e comunicações, nos processos de valorização cumulativa pela concentração de riquezas, nos nichos de segregação social e assepsia ambiental. (2004, p. 25)

Neste século uma série de jovens profissionais têm se empenhado para chamar a atenção acerca de rios encoberto por ruas e avenidas<sup>16</sup>. Analisando-se o Mapa Hídrico da Prefeitura Municipal, consta-se a alta incidência de aquíferos, não mais observados na superfície. Por exemplo, esta informa que o Rio Pinheiros iniciou em 1928 até 1950 e ladeado, desde 1970, pela chamada Marginal. Antes denominado "Jurubatuba", cujo sentido em tupi-guarani, indica se tratar de lugar com muitas palmeiras, por estes nomeada, jerivá ou araucária. No local, em 1560, jesuítas criaram uma aldeia indígena com esse nome. Nasceu o Bairro de Pinheiros, antes mera passagem de tropeiros, que bebiam água no Córrego do Rio Verde<sup>17</sup>.

O bairro cresceu muito e se dividiu, entre estes, aqui se exemplifica com a Vila Madalena, banhada pelo Córrego do Rio Verde. Sua população aumentou, por muitos fatores, em especial, quando em 1910, a Companhia de Eletricidade Light

---

<sup>16</sup> Cito a Associação "Rios e Ruas" fundada (2010), pelo geógrafo Luiz de Campos Jr. e o arquiteto urbanista José Bueno. Em 2012 criaram o Projeto "Rios DesCobertos" e a mostra "O resgate das águas da cidade". Composta por mapas, maquete, fotos, expedição visa público em geral, a atrair crianças. Em 2023 farão o Circuito de Corridas, em rios recobertos.

<sup>17</sup> Possui dois ramais e, à oeste, nasce na rua, Beatriz Galvão, atravessa a Heitor Penteado, na rua Oscar Freire, perto da avenida Dr. Arnaldo. Segue pelas ruas Abegoárias, Medeiros de Albuquerque, Beco do Batman, uma viela entre as ruas Harmonia e Girassol e pelo Beco do Aprendiz, de onde caminha em linha reta pela avenida Paes Leme até o rio Pinheiros.

anunciou a instalação de linha de bonde para o local. Dada a reunião de populares e os habituais preconceitos estruturais, foi de início denominada Vila dos Farrapos. Reza a lenda que um português possuía a maior parte dos terrenos. Além disso, teria três filhas, Madalena, Ida e Beatriz daí os nomes adotados para a vizinhança.

Como tantos outros, o Rio Verde se infere em bueiros, cantos, esquinas e se torna pujante ao transbordar nas enchentes de março, causando tensão. Artistas, escritores, artesãos concentram-se na Vila Madalena e seus muros ganharam grafites (Figura 7), inúmeras imagens, protestos, com linguagem contemporânea, aqui com o sentido proposto por Agamben. Afastam-se criticamente para denunciar e, em particular, há inúmeros grafites em uma viela, nomeada por Beco do Batman, com trecho impedido para automóveis, em que se gravam e se sobrepõem protestos, por ações nocivas de policiais, abuso contra pretos, construções de torres e sumiço do Rio Verde, que cruza o bairro (Figura 7).



Figura 7. Grafite “Deixe o Rio Verde viver em paz”. Beco do Batman. Vila Madalena/SP capital. Foto A. jul. 2022

Sobre as intenções governamentais, cabe lembrar que desde o final do século passado, anunciaram-se inúmeros projetos para despoluição e, mesmo, recuperação de cursos subterrâneos, mas não se concretizou ação efetiva de modo a se consolidar a mudança. Observe-se, a título de exemplificação, como cerimônias, falas e projetos se sucedem, sem verdadeiramente se constatar resultados efetivos, ao se anunciar a despoluição do Rio Tietê e seu afluente, o Pinheiros.

Operação complexa foi iniciada pelo SOS Mata Atlântica com apoio da imprensa desde 1992. Ainda que somassem altos custos, no entanto, obteve-se adesão por diversas fontes nacionais e estrangeiras: a inicial somou R\$ 2,6 bilhões, para o prazo de 1995-8; a seguinte de R\$ 928 milhões a ser desenvolvida entre 2000 e 2008; enquanto a terceira, até 2015 seria de R\$ 3,9 bilhões. Não obstante, as notícias em 2013, anunciavam, que a quarta etapa se encontrava em planejamento, e para as demais havia novos planos, a se conferir: a bacia do Alto Tietê já possuiria oxigênio suficiente para haver vida e determinados peixes, mais resistentes, depois de dois anos (2015), enquanto a parte da capital conquistaria fauna diversificada em 2025 (MARETTI, 15 mar. 2013).

Como acima se documenta, há uma distância enorme entre sonhos, planos, execução e concepções, fatores que se poderiam denominar ‘abissais’, na expressão de Boaventura de Sousa Santos (1941), traçando-se linhas entre tais elementos, resultaria enorme fosso entre cada um deles. Para o autor, de modo geral determinadas ações se contrapõem, em um lado” [...] a universalidade da tensão entre a regulação e a emancipação, [...] não entra em contradição com a tensão entre apropriação e violência aplicada do outro lado da linha” (2007).

A cultura de considerar os rios de forma secundária demandaria medidas governamentais para canalizar esgotos, campanhas de esclarecimento, fiscalização com recursos visuais e pesadas multas para, se não dirimir, ao menos evitar a continuidade de lixo, esgoto, contaminação dessa fonte importante para a vida. Deixá-los visíveis facilitaria ou bem ao contrário? O que diminuiria tal distância abissal entre anúncio e efetivação, ainda levando em conta o volume muito maior populacional e se tratar de um rio de cabeceira e não de foz, como outros rios beneficiados, como o Tâmis londrino atual? Como coibir a entrada de poluentes residenciais e industriais?

A arte na atualidade vem cumprindo bem seu papel de não deixar morrer essas causas públicas a merecer transparência e vontade governamental. Com enorme diferenciação, se comparada a antigos locais, destinados à arte, a contemporânea se volta aos muros da cidade para desvelar o não dito e denunciar tensões, tão locais,

que se pode nomeá-las por gerais. As convulsões urbanas advindas por ações sem se prever as consequências ou pela omissão de estado nos vários planos revela a urgência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema “Tensão e Contensão” se mostrou propício para a hora atual, não apenas em nosso país, nas Américas em geral e nos demais continentes, sendo que, entre nós, polarizações se evidenciaram, desde a eleição de 2018, até a atual, de outubro de 2022. Ainda que a próxima gestão política sofra ante os problemas gerados, renovam-se as esperanças de se obter condições mais humanas para os desassistidos, a viver em situações e escala nunca antes observadas. Identificações e identidades com rasuras, no entanto, têm se alastrado já no período Colonial, e a resposta ao aqui formulado, se seriam meramente acidentais, provenientes de fatores externos, não programados, diria – não e a saída reside na educação qualificada e ao alcance de muitos, para se ver o invisível, perceber o não explicitado.

O humano na conquista e domínio político de territórios busca privilégios para si e seu pares, valendo-se da formulação de narrativas, pseudo ancoradas em melhorias e nobre intenção. Utiliza-se de estratégias, na tentativa de anular valores, invisibilizar o que deseja sujeitar, convencer, com ênfase em suas próprias áreas, a incluir política, moral, ética e religião, ou seja de costas para a alteridade, enfim, para o que ele próprio não é. Dificilmente seriam localizados benefícios, nas mais distintas eras, a abarcar a atual, em que se repetem mando e ordem disfarçados. Já a questão de como se barrar estes e demais desvios, sem violência física ou moral, armas, chacina, guerra e destruição não localizei, por mais que se recue a povos e civilizações passados ou se idealize um futuro, na órbita de sonhos imaginados.

Agora com a enxurrada de algoritmos, capazes de influenciar eleitores, compradores, crianças e todas as demais faixas etárias de maneira célere, estados e governos precisam enfrentar o capital, induzindo parâmetros protetores, campanhas de alerta e esclarecimento sobre perigos, para alcançar desde as famílias, escolas, em variadas mídias, até o público infantil, mais vulnerável. As novas mídias, embora trabalhem com estrutura binária apenas, exercem forte poder de sedução e acenam sempre

com o tal progresso e avanço científico, tomados como uma real cultura, capaz de dar a seus sucessores, aquilo de que não desfrutaram.

A pandemia SARS-Cov mantém-se em franca atuação, porquanto não se removeram as causas e o combate aos efeitos requereria campanhas agressivas para sua efetivação, o que ainda não se viu. O número de óbitos no mundo documenta, de maneira inequívoca, que a Covid-19 e as inúmeras cepas seguintes se alastraram por amplas áreas mundiais. Reitero o que venho expressando: em geral governos para evitar acusação de omissão, erro de cálculo, ausência de planos de erradicação, entre tantos, tentaram dissimular, números de morte, gravidade e carências, ingressaram naqueles espetáculos midiáticos e alienantes, que se procurou aqui documentar.

A busca por obter identidades dignas, educação sensível e diferenciadora agravou-se nos últimos anos e constitui fator inquietante, nesta hora, em que há muitas tensões pelo mundo. Ações equivocadas privilegiaram caminhos identitários discutíveis, apoiando-se em outros países. Emergiu enorme fosso social, quando não se pensou em ocupação, escola e habitação. Relegaram-se itens essenciais em infraestrutura, que não geram voto, uma vez mais. Para se avizinhar do tal progresso, retificaram rios, que agora transbordam em grito insustentável; também ao demolir enormes áreas para erigir edificações lucráveis e, pouco se tem planeja em habitação popular. Nesta hora o essencial se direciona para iniciativas sociais, sanitárias e educacionais. Fundamental se ativar a pedagogia voltada à liberdade, cidadania e consciência, tão bem defendidas por educadores, como Paulo Freire.

Ciça, Primavera 2022.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- AGAMBEN, Giorgio. “O que é o Contemporâneo?” In: O que é o Contemporâneo? e outros ensaios; [tradutor Vinícius Nicastro Honesko]. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ANDRADE, Mário. “A Meditação sobre o Tietê”. In: Andrade, Mário de. Poesias Completas. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993. P.386-396.
- “O movimento modernista”. In: Aspectos da literatura brasileira. São Paulo: Martins, 1963.
- ANDRADE, Oswald. O Caminho Percorrido. In: *Obras completas*: Ponta de Lança, volume V. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- FOSTER, Hal. *O retorno do real*: as vanguardas ao final do século. Rio de Janeiro, Concinitas, 2005.
- HALL. Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- KLEE, Paul. *Teoria del arte moderno*. Buenos Aires: Cactus, 2007.
- LEFEBVRE, Henri. *Introdução à modernidade*: prelúdios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. [1962].
- LOURENÇO, Maria Cecília França. Operários da modernidade. São Paulo : Hucitec/ Edusp, 1995.
- MOUFFE, Chantal. *Artistic Activism and Agonistic Spaces*. *Art & Research*, Vol. 4, n.º 1, 2007.
- . *On the Political*. Londres/ Nova Iorque: Routledge, 2005.
- RAMA, Ángel. A cidade das letras. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RIBEIRO, Darcy & ARAÚJO, Carlos (org.) *A fundação do Brasil*: testemunhos, 1500-1700. Petrópolis, Vozes, 1992.
- TOLEDO, Benedito Lima de. *A São Paulo de Militão Augusto de Azevedo por Benedito Lima de Toledo*: visita guiada à sala dedicada ao fotógrafo na exposição São Paulo, 450 anos – A imagem e a memória da cidade no acervo do IMS. São Paulo: Instituto Moreira Salles, São Paulo, 2004.
- VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade*: o niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996. [1985].

## Fontes eletrônicas e sites

DEBORD, Guy. A Sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Disponível em: <http://www.afoiceeomartelo.com.br/> Acesso em: 24 out. 2022.

HISTÓRIA e Cultura: Vila Madalena. Disponível em: <http://www.vilamadalena.com.br/site/pagina/index/ref/historia-cultura/> Acesso em: 25 out. 2022.

MARETTI, Eduardo. “Após 21 anos, governo paulista pede mais uma década para limpar o rio Tietê”. Rede Brasil Atual. 15 mar. 2013. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/> Acesso em 26 out. 2022.

PALHARES, Izabela & ZYLBERKAN, Mariana. População de moradores de rua cresce 31% na pandemia, Folha de S. Paulo, 23 de jan. 2022, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/01/na-pandemia-quase-dobra-o-numero-de-familias-que-vivem-nas-ruas-de-sao-paulo.shtml/> Acesso em: 12 nov. 2022.

PINHEIROS Histórico. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/pinheiros/historico/> Acesso em 29 jun. 2022.

RIOS Des.Cobertos: Projeto de educação socioambiental. Disponível em: [https://www.estudiolaborg.com.br/lab/rios\\_descobertos/](https://www.estudiolaborg.com.br/lab/rios_descobertos/). Acesso em: 12 nov. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes”. Original: Revista *Novos Estudos. CEBRAP* (79), nov. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/> Acesso em: 10 out. 2022.

SEVCENKO, Nicolau. “A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista”. Revista USP, São Paulo, n.63, p. 16-35, setembro/novembro 2004. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5647532/mod\\_resource/content/12/nicolau%20sevcenko\\_ua%20s%C3%A3o%20paulo%20%282%29.pdf/](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5647532/mod_resource/content/12/nicolau%20sevcenko_ua%20s%C3%A3o%20paulo%20%282%29.pdf/) Acesso em: 20 jun. 2022.